

## BULTMANN CHEGA AO BRASIL A propósito de uma tradução recente\*

Johan Konings S.J.

A anedota conta que Karl Barth, ao saber que o papa João XXIII o considerava o maior teólogo protestante da atualidade, mostrou-se disposto a admitir como possível a infabilidade papal. Olhando porém a história da teologia com recuo, a suspeita de Barth talvez não se confirme. Sempre mais surge a figura de Rudolf Bultmann como quem mais decisivamente influenciou a teologia como discurso *racional* da fé em nosso século (o que não diminui em nada o mérito das intuições de Barth e tantos outros).

A coletânea de artigos que a Ed. Sinodal torna acessível aos estudiosos de teologia no Brasil — pois não se trata de uma obra de vulgarização — confirma a atualidade das análises honestas e abertas à sensibilidade do mundo moderno do mestre de Marburgo. O título *Crer e compreender* é tomado da edição alemã dos escritos menores de Bultmann, em três volumes. É desta coletânea que a edição brasileira oferece uma seleção relativamente representativa e enriquecida com o famoso artigo programático sobre a "Desmitologização", de 1941.

A preocupação de Bultmann é essencialmente pastoral. O artigo programático sobre a "Desmitologização" o diz claramente: não posso falar hoje sensatamente sobre o agir de Deus em Jesus Cristo numa linguagem mitológica como é a da Bíblia, inclusive o Novo Testamento. Bultmann vê o problema do mito no quadro referencial da exegese racionalista e também da piedade ingênua, que ambas querem *fundamentar* sua imagem de Jesus naquilo que se pode verificar historicamente. Isso é impossível, por não ser o Novo Testamento um livro de história, e sim, um testemunho querigmático, lançando mão da linguagem mitológica como revestimento narrativo daquilo que o paradoxo do "Verbo feito carne" ou do "Crucificado ressuscitado" *significa*: uma interpeção à existência autêntica (no sentido da filosofia de Heidegger). O problema é a interpretação, não a história.

---

\* BULTMANN, Rudolf: *Crer e compreender*: artigos selecionados./Tradução (do alemão) Walter O Schlupp; Walter Altmann. — São Leopoldo: Ed. Sinodal, 1987. 253 pp., 21,2 x 14,9 cm. (Coleção: teologia sistemática; a-9). ISBN 85-233-0072-4

Muitas vezes se diz que, desmitologizando, Bultmann esvaziou o querigma de seu conteúdo. É verdade que, pressionado pelo espírito de seu momento histórico, Bultmann quis despir a narração de Jesus dos "mitos supérfluos", ruídos colaterais que impediam escutar a melodia. mas não esvaziou o "mito central", a Ressurreição; pelo contrário, isenta conscientemente este ponto central da redução desmitologizante (p. 41), porque sem ela o querigma é impossível. Acuado ao ponto extremo da redução desmitologizante, Bultmann passa da desmitologização para a *interpretação do mito*. Pois o mito não serve para fundamentar histórico-criticamente a fé — isso seria uma *kauchasthai en sarki*, segurança "carnal" —, mas para ser interpretado: ele torna presente o paradoxo que é interpelação da nossa entrega na fé (*fiducia*). Objeto e interpelação da fé, eis o papel do "mito" da ressurreição. (Bultmann não usa o termo mito no sentido vulgar, nem no sentido da história das religiões, mas no sentido de uma narração não historicamente verificável; não se pronuncia sobre a historicidade como tal).

Sem entrar na discussão que a visão de Bultmann provocou, constatamos, pela leitura dos demais artigos da coletânea, a pertinácia deste autor, que não volta atrás, não escreve *retractationes* e mantém seu pensamento através das mudanças enormes que a Europa viveu entre o fim da I Guerra Mundial (o primeiro artigo é de 1925) e o milagre econômico dos anos 60 (data do mais recente). Não é um pensamento efêmero. Raras vezes, Bultmann respondeu aos seus críticos. Em 1960, porém, se permitiu um desabafo reproduzido como artigo inicial da coletânea ("Um retrospecto", p. 11-12): manda seus indignados críticos lerem seus escritos antes de o atacarem mais uma vez. . . A presente edição em português proporciona este remédio àqueles entre nós que teimam em apresentar Bultmann como o heresiarca do séc. XX num país onde quase ninguém leu seus textos.

É claro que Bultmann não encerrou a teologia crítica. Quanto à questão da hermenêutica, os pós-bultmannianos aprenderam de seu mestre que não vale a pena gastar muita pólvora em questões de historicidade, mas que importa antes de mais nada levar a sério que a "narração de Jesus" — com *toda* a sua linguagem, e não apenas o mito da ressurreição — não serve para fundamentar a fé com argumentos históricos, mas para articular o apelo que o evento Jesus significa para a existência e a sociedade. Assim como Ricoeur ensina que os mitos "dão a pensar", ("adonnent à penser"), possuem uma mensagem que apela para a nossa compreensão, assim os exegetas pós-bultmannianos dirão que a narração de Jesus, histórico-científica ou não, *toda ela* "dá a pensar" e clama por interpretação no contexto da fé que gerou e que continua viva na vida (na "práxis") da comunidade hoje. Esta relação hermenêutica circular

---

entre a fé que gera o texto e a fé que se regenera por ele é a estrutura ora implícita, ora explícita do pensamento bultmanniano.

Por isso, seria ingênuo pensar que a volta ao Jesus histórico, operada por Bornkamm e outros, é um voltar atrás de Bultmann. Antes, é um avançar além dele. É uma volta ao "Jesus da história" (o que não é bem o Jesus histórico) numa "segunda ingenuidade", como quem recebe um presente de natal já conhecendo o papai Noel... Sabe-se que os fariseus do evangelho de Mt não são os da prática histórica de Jesus e sim os da narração mateana sobre Jesus, que já é uma mediação, uma maneira de *significar* a eficácia (impacto) de Jesus, mas não o relato imediato de sua atuação. Se a teologia latino-americana gosta de acentuar o Jesus da história, porque sua "práxis" é a luz que ilumina a práxis do cristão na libertação histórica, ela deve ter consciência disso.

Nesse sentido, deve-se questionar o chavão repetido entre nós de que desmitologização e secularização são problemas da teologia burguesa da Europa. À secularização "européia" opõe-se então a sacralização das lutas históricas pela "alma religiosa" do povo latino-americano. Ora, os teólogos da libertação mais críticos bem sabem que esta sacralização é o reverso de uma secularização, pois declarar sagrada nossa luta significa que já não esperamos que Deus resolva as coisas com suas legiões de anjos. Substituímos — em nome de Deus — seus anjos por nosso próprio empenho! Quanto tempo vai durar ainda esta "alma religiosa" de nosso povo? Nossas CEBs na periferia urbana se alimentam com esta fé, trazida do campo pela primeira geração dos migrantes rurais. E os seus filhos? os que nasceram no mundo urbano? Façamos um levantamento honesto: quantos deles se sentem bem na religiosidade e moral que herdaram de seus pais? Não está a geração dos vídeoclips diante de um problema de linguagem análogo ao do operariado alemão dos anos 20, que levou o *pastor* Rudolf Bultmann a conceber seu programa de desmitologização? No início deste século, não só os cientistas burgueses, mas também o operariado descobrindo sua força histórica (1917!) percebiam, ao menos de modo confuso, a linguagem mitológica com suas intervenções diretas de Deus no mundo como um ruído perturbador, que impedia a sintonização à mensagem de Jesus. De modo análogo, nossas comunidades populares, na medida em que se envolverem na luta da libertação e tomarem a história em suas mãos, ao mesmo tempo que descobrirem a força profética de Bíblia, se sentirão pouco à vontade com seus traços de mitologia, lenda e ideologia inevitáveis por ser a Bíblia fruto de tal sociedade. Será necessário explicitar o estatuto mitológico ou ideológico, para se poder ler a narração bíblica com uma compreensão mais aberta ao que ela contém de relevante para a libertação histórica e a vida em toda a sua plenitude.

---

Claro que este processo seguirá rumos diferentes daqueles da desmitologização/interpretação existencial de Bultmann. Não acontecerá em primeiro lugar em função de objeções científico-históricas, que pouco preocupam um povo sofrendo fome; nem acentuará exclusivamente o apelo à "existência autêntica" no sentido dos existencialistas (embora este apelo possua também sua relevância para nós aqui). Pressionados pela urgente necessidade de transformação da sociedade, passaremos ao crivo de uma "crítica práxica" preferencialmente certas categorias práticas do NT, que são percebidas como negação do compromisso histórico. Teremos que "desmontar", p. ex., a leitura ingênua dos textos sobre a submissão aos governantes e similares, não para destruir estes textos — Bultmann diz expressamente que não se deve riscar nada da Bíblia: p. 19ss —, mas para, numa leitura mais compreensiva, descobrir melhor de que se trata no fundo. E descobriremos a mesma coisa que Bultmann descobriu por trás da "mitologia" do NT: o paradoxo do Crucificado-Ressuscitado, pêndulo incansável de nosso relógio religioso. . .

Para não ser mal entendido, uma palavrinha sobre a religiosidade popular. Desmontar uma leitura ingênua não é o mesmo que destruir a fé do povo. É libertá-la de categorias inadequadas, indevidamente consideradas como absolutas: o sobrenaturalismo mágico, o providencialismo fatalista etc. Esta purificação abrirá um espaço mais livre e arejado para o desabrochamento da força simbolizadora e atualizadora desta fé, quando for ler e ouvir os textos com uma "simplicidade reconquistada" graças ao momento crítico. Mas isso significa também que este momento crítico deve ser acompanhado com pedagogia pastoral, com uma maiêutica socrática, deixando o povo tomar consciência de suas próprias suspeitas e mostrando-lhe que estas o levam a descobrir com maior clareza o verdadeiro apelo de Deus em Jesus Cristo e em nossa história. Desmitologizar pelo prazer de desmitologizar é sadismo, mas é uma irresponsabilidade também discutir a desmitologização, ainda que com intenções apolôgicas, diante de um público eclesial indiferenciado (p. 12).

Passemos agora de Bultmann ao mérito desta publicação brasileira.

Quanto à tradução, cumpre dizer que ela demonstra que os tradutores — professores de teologia — compreenderam o texto, como deveria acontecer sempre que se traduz qualquer obra, mas especialmente uma dessa importância. Deve existir uma sintonia entre o autor e o tradutor. Mesmo assim, algumas coisas causam admiração. Assim, p. ex., apesar de diversas notas de rodapé chamarem a atenção para o problema, a tradução não especifica sempre — do modo que for possível — a distinção entre *existenziell/existenzial*, *historisch/geschichtlich* etc., distinções fundamentais para a leitura de Bultmann. Os tradutores estavam

---

conscientes do problema, pois às vezes acrescentam entre parêntese o termo original alemão. Mas outras vezes deixam ao leitor o encargo de decidir pelo contexto, o que não é sempre fácil. Na p. 7, p. 29 etc., e também na contracapa, aparece a expressão "interpretação existencialista" (cf. p. 31, "análise existencialista do existir"), indicando o que o prefaciador G. Brakemeier traduz por "interpretação existencial" (p. 5). Lembrando-me de meus professores de filosofia, que chamavam Heidegger de fenomenólogo existencial, mas não de existencialista, estou inclinado a preferir a tradução de Brakemeier para representar o alemão *existenzial* (*existenziell* pode ser traduzido por "existêntico"). De toda maneira, "existencialista" é outra coisa. Na p. 30, *Geschichtlichkeit des Daseins* é traduzido por "historicidade do existir". Seria melhor usar os termos "historial" e "historialidade" para a categoria da *Geschichtlichkeit* heideggeriana, já que estes neologismos não têm sentido ambíguo em português. Também estranhei a tradução da nota 43 na p. 36 ("de mais a mais. . . nunca. . .").

Quanto à qualidade gráfica, é lamentável o uso de maiúsculas para as transliterações do grego e do hebraico, chegando a literalmente pretejar certas páginas. Por que não adotar o grifo, como se faz mundialmente? Além disso, às vezes *omikron* e *eta* são representados por O e E, às vezes por Ō e Ē (com *makron*). A transliteração do SL 40,7 (heb.) na p. 187 é indecifrável. Alguns erros gráficos, colhidos ao acaso: p. 17, linha 15: caiu uma linha; p. 22, citação de Harnack: incompreensível; p. 25, linha 11 antes de fim: criação *de* Deus; p. 42 (pelos 2/3): salífico (!); p. 44, n. 45: Paul ALTHAUS; p. 95 (pelos 2/3): fides *quae* creditur (não: *quase*); p. 65 (3/4): Kyrios; p. 204, n. 4: protestantische (!); p. 224: falta a 1ª linha.

---

Johan Konings S. J. é doutor em Teologia pela Universidade de Lovaina (Bélgica). Professor de Exegese do Novo Testamento na Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus (Belo Horizonte). Entre suas obras, mencionem-se: *Encontro com o Quarto Evangelho* (2 1986). *Jesus nos Evangelhos sinóticos* (2 1977); *Espírito e mensagem da liturgia dominical* (2 1986). Todos pela Ed. Vozes, Petrópolis.

Endereço: Caixa postal 5047 – 31611 Belo Horizonte - MG